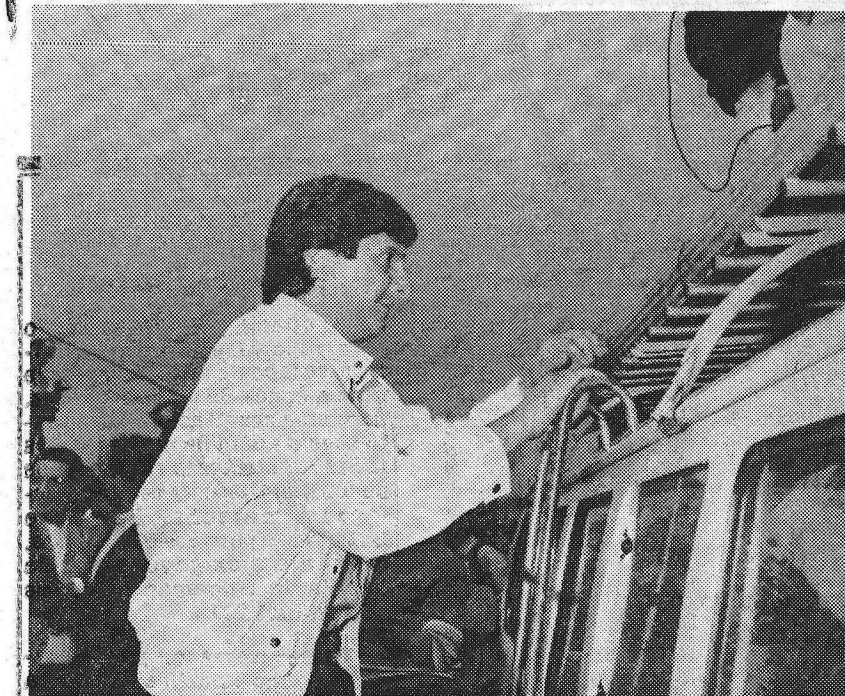




Waldemar Padovani/AB

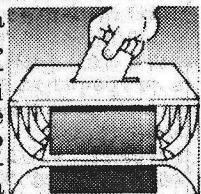
O dia de Collor em São Paulo: discurso para operários na porta da fábrica Monark, em Santo Amaro (D), e tumultos e bandeiras queimadas durante uma visita a Campinas

Collor pede votos em porta de fábrica

Em queda nas pesquisas, o candidato não dorme e faz comício para operários

PATRICIA ZAIDAN

Antes de o dia clarear ontem, Fernando Collor foi informado que a pesquisa do Ibope apontaria uma nova queda de seu nome. O candidato à Presidência redobrou as forças, refez-se do cansaço provocado pela maratona realizada na véspera em Natal e subiu no teto da Kombi do Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo es-



tacionado na fábrica de bicicletas Monark, em Santo Amaro. Sem demonstrar sinais da noite não dormida, Collor discursou: "Estou aqui para trabalhar contra os poderosos e enfrentar os carceras da política econômica que impedem a melhor distribuição de renda entre os trabalhadores".

Os operários do primeiro turno, que se preparavam às 5h40 para iniciar a produção de mais de seis mil bicicletas, pararam na rua para ouvir as promessas de Collor: gestão colegiada para decidir a aplicação dos recursos do FGTS e Previdência Social, total liberdade sindical, participação dos trabalhadores nas decisões da política econômica, etc. Os trabalhadores aplaudiram. A mulher do ex-governador, Rosane, as-

sistiu ao minicomício dentro do Opala que buscou o casal no aeroporto de Cumbica. Cansada da viagem, não se animou a descer e a juntar-se ao candidato.

A porta da Monark foi escolhida pelo deputado Arnaldo Faria de Sá (PRN) e diretoria do Sindicato dos Metalúrgicos: "O convite partiu de Luiz Antônio Medeiros (presidente da entidade)", declarou o jornalista Sebastião Nery, assessor de Collor. É essa a primeira contribuição do líder sindical à campanha, depois da adesão há uma semana. E não deverá parar aí: "Quero que Medeiros venha comigo à porta de outras fábricas", confessou Collor. Na escolha do local para o comício pesou o fato de os quatro mil empregados da multinacional sueca estarem mobilizados para

greve. "Nós vamos parar a fábrica segunda-feira se as reivindicações de cesta básica, roupa e equipamento de segurança não forem atendidas", informou Jaime José da Cunha, da diretoria do sindicato.

Collor ouviu a conclamação para greve e desceu do palanque para cumprimentar os operários que ganham entre NCzs 460,00 e NCzs 679,00. Em torno dele formou-se um roda só de alagoanos. Enquanto aguardava a entrada do segundo turno, meia hora depois, o candidato ouviu Chitãozinho e Xororó; no aparelho de som que os sindicalistas carregam para atrair a atenção dos trabalhadores. A música encheu a Rua Engenheiro Mesquita Sampaio. Os operários revelavam o voto em Collor. Um ou outro teve coragem

de assumir a opção por Paulo Maluf (PDS).

Luiz Montanha, também do Sindicato, pulou com seus quase 150 quilos no teto da Kombi para gritar frenético: "Meu voto é do presidente Fernando Collor". O vice-presidente da Comissão Interna de Prevenção de Acidentes da Monark, Baiano, trocou o nome do candidato ao apresentá-lo aos operários do horário das 6h30. "Com vocês o ex-governador Mário Covas", afirmou.

Collor subiu de novo no veículo, acompanhado do deputado Renan Calheiros e do senador Carlos Chiarelli. Ainda empolgado, tentando ludibriar a exaustão que conseguiu esconder uma hora antes, fez novo discurso agressivo. "Precisamos acabar com os sanguessu-

gas que exploram os trabalhadores e melhorar o Brasil, atado até o pescoço de corrupção", afirmou. "Os corruptos têm de ir para a cadeia, onde só existe ladrão de galinha."

Embaixo, o irmão do candidato, Leopoldo, comentou: "Ótimo! É assim mesmo que ele tem de falar". A volta à agressividade, segundo o deputado Calheiros, é a estratégia para a retomada do contato popular. Depois que começou a cair nas pesquisas, Collor reconheceu ter errado ao afastar-se de concentrações populares. Por isso, prepara três grandes comícios. O primeiro será em Belo Horizonte, dia 8, na Praça Sete. Os comitês do interior de São Paulo, Minas e Rio receberão ônibus para transportar suas caravanas.